26°ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
A Amazônia na sociedade global em rede: assimetrias e potencialidades informacionais, tecnológicas e ambientais
Belém, Pará, 09 a 13 de novembro de 2026
Universidade Federal do Pará

XXVI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXVI ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT 5 – Política e Economia da Informação

BIBLIOTECAS E RESISTÊNCIA CULTURAL EM TERRITÓRIOS PERIFÉRICOS

LIBRARIES AND CULTURAL RESISTANCE IN PERIPHERAL TERRITORIES

Guilherme Fellipin dos Santos- Universidade de São Paulo (USP)
Marco Antônio de Almeida – Universidade de São Paulo (USP)

Modalidade: Resumo Expandido

Resumo: O objetivo deste trabalho é apresentar o relato de algumas experiências vivenciadas ao longo de uma etapa empírica de pesquisa de Doutorado, investigando práticas de resistência no campo cultural em territórios periféricos na cidade de São Paulo, nas bibliotecas públicas dos Centros Educacionais Unificados. Como metodologia, além de levantamento bibliográfico realizado em etapas anteriores, adotou imersões em dinâmicas institucionais e coletas de testemunhos nas bibliotecas públicas dos Centros Educacionais Unificados da cidade de São Paulo, sob uma perspectiva dialógica e em um exercício de escuta atenta. O referencial teórico inclui autores que discutem questões relacionados ao Antropoceno (Latour, Haraway, Tsing), à decolonialidade (Carneiro, Duque-Cardona, Quijano, Walsh) e à ação cultural e política (Freire, Gadotti, Doria). Identificou como essas bibliotecas públicas se conectam ativamente às vivências das populações de seus territórios, compreendendo esses dispositivos como frentes estratégicas de uma disputa para imaginar outros mundos possíveis. Conclui que, no contexto de guerras culturais e ataques neoliberais, as bibliotecas, dentro de suas limitações, se colocam como uma barreira ao desmonte e captura das conquistas dos movimentos políticos das periferias.

Palavras-chave: Resistências culturais; territórios; periferias; bibliotecas públicas; epistemologia crítica.

Abstract: The aim of this work is to present an account of some experiences lived during an empirical stage of doctoral research, investigating resistance practices in the cultural field in the city of São Paulo, in the public libraries of the Unified Educational Centers. As a methodology, in addition to a bibliographic survey carried out in previous stages, it adopted immersions in institutional dynamics and the collection of testimonies in the public libraries of the Unified Educational Centers of the city of São Paulo, under a dialogical perspective and in an exercise of attentive listening. The theoretical framework includes authors who discuss issues related to the Anthropocene (Latour, Haraway, Tsing), decoloniality (Carneiro, Duque-Cardona, Quijano, Walsh) and cultural and political action (Freire, Gadotti, Doria). It identified how these public libraries actively connect to the experiences of the populations in their territories, understanding these devices as strategic fronts in a struggle to imagine other

possible worlds. It concludes that, in the context of cultural wars and neoliberal attacks, libraries, within their limitations, stand as a barrier to the dismantling and capture of the achievements of political movements in the peripheries.

Keywords: Cultural resistance; territories; peripheries; public libraries; critical epistemology.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho busca apresentar alguns dos processos derivados de uma pesquisa de Doutorado em Ciência da Informação, intitulada provisoriamente “Bibliotecas e outros lugares de cultura: redes de resistência em territórios à margem”. O foco aqui será o relato de uma das etapas de trabalho de campo em andamento, realizada junto a bibliotecas públicas dos Centros Educacionais Unificados (CEUs) em territórios periféricos da cidade de São Paulo. Este estudo se enquadra em um conjunto de esforços interdisciplinares dedicados à busca por formas de imaginar outros mundos possíveis, à luz dos desafios impostos pelo desastre climático em curso e da possibilidade bastante concreta do fim das condições conhecidas de suporte da vida (IPCC, 2023; Danowski; Viveiros de Castro, 2017). Este contexto é abordado como uma consequência de um contínuo processo de colonialidade globalizado, que se expressa atualmente através da racionalidade neoliberal, caracterizando o modo de vida (de ser sociedade e sujeito, de estar no mundo) do capitalismo.

Essa leitura da crise climática parte da perspectiva da chegada do Antropoceno (Crutzen; Stoermer, 2000) e das reflexões que se desdobraram a partir deste conceito em uma literatura multidisciplinar (Tsing, 2015; Haraway, 2016; Latour, 2020a). É possível depreender, a partir desta análise, a intrínseca relação da anestesia e passividade social diante do desastre ecológico, com elementos fundamentais da episteme do capital de objetificação do mundo (Gross, 2012), alicerces da colonização continuada de territórios, corpos, subjetividades e imaginários (Carneiro, 2005; Hall, 2016; Latour, 2000). Essa colonialidade (Quijano, 2005) se reconfigura a partir de choques internos do capitalismo e certas dinâmicas de inovação tecnológica, se recolocando no mundo a partir da doutrina e racionalidade neoliberal, mantidas as estruturas de opressão e desigualdade (Dardot; Laval, 2016; Fisher, 2020; Oxfam, 2025).

Interessa, neste trabalho, apresentar as reflexões a partir de uma perspectiva crítica latino-americana da Ciência da Informação, tecidas a partir da experiência de imersão, convívio e diálogo com frentes de resistência atuantes em territórios periféricos, focando nas

práticas dentro do campo cultural[1]. A dimensão da cultura é entendida como este espaço estratégico para criar e fortalecer comunidades, e para disputar a capacidade de imaginar outros mundos possíveis, tornando-se bastante pertinente um aprofundamento no desenrolar de tal luta – contra o que se resiste, como se resiste – para colocar em evidência as iniciativas que compõem barreiras contra a colonização dos imaginários e com potencial para contestar os limites do possível.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O recorte escolhido para investigar práticas de resistência no campo cultural, desde uma perspectiva crítica latino-americana da BCI, é a atuação de dispositivos infoculturais em territórios periféricos na cidade de São Paulo, neste caso as bibliotecas públicas dos CEUs, e as articulações políticas e afetivas que constroem em suas comunidades de inserção. O ponto de partida teórico desta escolha está na abordagem decolonial crítica, que reconhece as históricas práticas epistemicidas no estabelecimento dos mecanismos hegemônicos de atribuição de sentido à realidade e desencantamento do mundo pelo capitalismo (Menezes, 2023), e se reconhece a potência das experiências interculturais (Walsh, 2019) criadas a partir do tensionamento das estruturas coloniais do pensamento pelos sujeitos delas excluídos, marcados pela diferença e alvos das opressões sistêmicas – aqui, as periferias (Tsing, 2015).

Essa perspectiva é adotada em conjunto com os princípios da pedagogia emancipatória de Paulo Freire, pela qual sujeitos oprimidos, com a tomada de consciência dos esquemas de opressão atuantes em seus contextos, retomam sua agência coletiva para desnaturalizar,

[1] O enquadramento deste trabalho (e da pesquisa mais ampla ao qual ele se refere) neste marco de análise da Biblioteconomia e Ciência da Informação decolonial latino-americana, se justifica pela adoção de determinadas perspectivas e abordagens propostas por algumas correntes do nosso continente, dedicadas a uma reestruturação epistemológica do campo, a partir das próprias epistemologias regionais dos territórios de Abya-Yala. Como exemplo, menciono a mobilização das memórias coletivas, saberes situados e universos simbólicos dos territórios de luta (sendo estes abordados não apenas como espaços geográficos, mas de vínculos e relações intersubjetivas) como método de questionamento de hegemonias culturais e matrizes de representação do mundo. Entende-se que a construção de uma mediação com pretensões críticas-emancipatórias em dispositivos culturais ganha força com esse enraizamento. Essas correntes também se utilizam desse entendimento de dispositivos culturais, entre os quais a biblioteca, como lugares não apenas de potencial construção de pensamento crítico e imaginários disruptivos, mas também como espaços que cumpriram (e cumprem) um papel histórico de produção e reprodução de hegemonias do capital. Uma referência importante deste movimento no campo da BCI é a linha de pesquisa "Instituciones de memorias desde Abya-Yala", da *Escuela Interamericana de Bibliotecología* da Universidade de Antioquia (Gonzale (González, Cardona, & Anguian, 2023) (Duque-Cardona, 2023). No Brasil, essa linha se articulou com o campo das "Epistemologias latino-americanas na BCI" (Duque-Cardona & Silva, 2020 e 2021) e, mais recentemente, com o campo da Biblioteconomia Educativa (Perrotti; Pieruccini, 2014; Perrotti, 2017).

enfrentar e transformar esse contexto (Freire, 1987, 1992). O reconhecimento das dinâmicas de poder e disputa política no campo cultural, dentro do processo histórico mais amplo da América Latina, buscando retirar da centralidade as hegemonias para dar lugar aos silenciados, invisibilizados, marginalizados, no ato de conceber e dar significado à realidade, caracteriza a crescente área da Ciência da Informação desde Abya-Yala - uma expressão originária da Colômbia, do povo Kuna, que atualmente habita o litoral do Panamá, e que designa a América, numa perspectiva de autoidentificação e de pertencimento territorial e coletivo dos povos originários do Sul (Duque-Cardona, 2023).

Os coletivos culturais nas periferias da cidade de São Paulo vêm se fortalecendo como resultado tanto de um processo de sensível multiplicação das opções de ensino e de atividades culturais para populações consideradas “marginalizadas” oferecidas por diferentes ONGs, como de algumas conquistas parciais dos próprios movimentos em relação a políticas públicas orientadas sob o conceito de promoção da cidadania cultural nas três esferas de governo, no qual propostas como a do programa VAI (Programa para Valorização de Iniciativas Culturais) e a dos CEUS, principalmente em sua fase inicial, desempenharam papel de destaque (Sena, 2022). A esse quadro, é importante somar-se também a popularização do ingresso ao ensino superior, fato que ampliou a mobilidade social e o acesso a diferentes formas de capital cultural e social pelos coletivos.

Concebida no início dos anos 2000 em um contexto de décadas de avanço da agenda neoliberal no continente e de forte mobilização de movimentos sociais dessas periferias, a política pública dos CEUs seria materializada através de equipamentos públicos amplos instalados em algumas das periferias de São Paulo, e tinha dois princípios fundamentais: 1- uma gestão coordenada intersetorial entre as secretarias municipais de Educação, Esporte e Cultura, para dar conta das complexidades de demandas nos contextos de atuação; 2- um claro horizonte de articulação com suas comunidades, as quais haveriam de se tornar protagonistas da tomada de decisão dos rumos desse projeto e sua execução, através de diversos mecanismos de participação direta – Assembleia Geral, Conselho deliberativo e Orçamentos participativos, por exemplo (Doria; Perez, 2007; Gadotti, 2004; Padilha; Silva, 2004). Esse segundo princípio, fortemente ancorado nas perspectivas emancipatórias de Paulo Freire, deveria guiar o CEU enquanto experimento de democracia radical, um laboratório de ocupação das estruturas decisórias da política, da cultura, da educação, isto é, de um empoderamento de territórios historicamente excluídos dessa possibilidade.

Uma segunda fase de implementação dos CEUs foi caracterizada por um desvio de curso desses horizontes iniciais. A política pública passou a se voltar majoritariamente para a comunidade escolar, com o foco na educação formal, reposicionando os demais "serviços" como auxiliares a ela. A gestão intersetorial foi abandonada e os CEUs foram integrados à uma hierarquia bastante verticalizada e impositiva da Secretaria de Educação. Os mecanismos de participação direta e os processos institucionais de articulação com as comunidades foram desmontados em sua maioria. Nas bibliotecas públicas dos CEUs, apesar desse cenário, ainda residem esforços pela promoção de uma pedagogia crítica emancipatória (Lemos, 2012).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O trabalho de campo se iniciou com um importante processo de visitas às bibliotecas públicas dos CEUs selecionados. Houve um longo processo burocrático para conseguir as autorizações necessárias para a realização das atividades de pesquisa, em especial as entrevistas, passando por instâncias do Conselho de Ética em Pesquisa, das Gestões dos CEUs, da Secretaria de Educação da cidade de São Paulo, e das Diretorias Regionais de Ensino (DREs) referentes aos CEUs visitados. Esse processo durou cerca de 10 meses. Nesses primeiros encontros com as equipes, foram feitas as devidas apresentações, o convite para a colaboração com a pesquisa, conversas preliminares sobre os temas de interesse, e o estabelecimento de uma afinidade cordial entre as partes envolvidas. Essa etapa foi fundamental tanto para o levantamento de temas específicos de cada biblioteca e território para discussões futuras, quanto para a proposta de quebrar a tradicional relação entre sujeito-pesquisador e sujeito-objeto de pesquisa, buscando um método dialógico horizontal, no qual o aprendizado deveria ser mútuo. As conversas preliminares evoluíram para entrevistas semiestruturadas, gravadas em áudio. Essa dinâmica, das primeiras trocas às gravações, foram um potente exercício de escuta atenta. No período de redação deste texto, a pesquisa contava com aproximadamente 50 horas de áudio, de entrevistas feitas em 10 equipes bibliotecárias de CEUs e 3 grupos externos, totalizando 32 pessoas, das quais 4 pertenciam a grupos externos[2] e 28 às equipes dos dispositivos. Esses grupos externos são compostos por pessoas não atuantes nas bibliotecas dos CEUs, mas profundamente vinculadas aos seus processos.

[2] Em relação aos "grupos externos", tratam-se de três: uma antiga trabalhadora do Instituto Paulo Freire que estava envolvida com os processos formativos dos mecanismos de participação direta, nos anos iniciais dos CEUs; a pesquisadora Charlene Lemos, cuja dissertação de Mestrado em Ciência da Informação de 2012

Além dessa dinâmica de coleta de testemunhos, as reflexões apresentadas neste trabalho também se basearam na participação em atividades das próprias bibliotecas com públicos diversos das suas comunidades, seja o escolar, seja o ampliado. Elas englobaram edições de Saraus, Slams, Encontros com autoras/autores, Festas Literárias, encontros de Coletivos entre outras. Essas experiências (como espectador ou colaborador do processo) foram fundamentais para concretizar a imersão proposta, provocando reflexões e inquietações que puderam ser posteriormente discutidas quando das coletas de testemunhos, e permitindo um envolvimento com muitos dos sujeitos e coletivos dos territórios os quais compõem as redes de articulação das comunidades nas quais as bibliotecas atuam. Algumas dessas atividades foram registradas em fotografias. Os relatos que se seguem são decorrentes desses procedimentos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre os grupos de entrevistados do trabalho de campo, havia muitos sujeitos que eram de origem nos territórios nos quais os CEUs estão inseridos. Seus relatos permitiram uma compreensão da conquista dessa política pública como um capítulo de uma longa história de mobilização e articulação comunitária nas periferias do município. Muitas delas começaram como ocupações por populações de imigrantes de outras partes do país, sobretudo no período de crescimento da indústria na Região Metropolitana. Nessas ocupações, por iniciativa de certas lideranças locais e/ou com o apoio de profissionais (professores, advogados, artistas amadores) externos, foram se formando mobilizações coletivas pela regularização da moradia e melhorias na infraestrutura pública do entorno.

Houve uma especial importância de atores da cena cultural da periferia, como os Saraus que se apresentavam nos bares os quais lhes abriam as portas, e dispositivos culturais populares (como bibliotecas), para a criação de políticas públicas voltadas para o fomento cultural nessas regiões. Esse ecossistema de mobilização comunitária segue atuante, inclusive disputando a apropriação dos CEUs, mas também formando novas gerações e artistas/ sujeitos políticos em seus territórios. No entanto, como mencionado anteriormente, a política pública foi profundamente alterada desde sua origem.

identificou elementos do desvio de curso que a política pública já estava sofrendo; uma dupla de trabalhadores do CEU Heliópolis em outra área do equipamento, os quais também são coordenadores da Editora Gráfica Heliópolis, coletivo de referência do campo da cultural daquele território.

O “desvio de curso” não foi meramente uma mudança de perspectiva da atuação dos CEUs, mas a entrada da racionalidade neoliberal nessa política pública, buscando um desmonte generalizado e sucateamento de suas funções, com o fim de entrega à iniciativa privada. As métricas de avaliação dos projetos executados passaram seguir uma lógica análoga à de mercado (sobretudo no quesito de geração dados estatísticos inflados), sob uma relação hierárquica verticalizada típica da gestão empresarial, despreocupada com a coordenação interunidades com o território. No caso das bibliotecas, os quadros das equipes foram reduzidos ao longo dos anos (de 13 para 3 bibliotecárixs), e não há perspectivas para novos concursos para preenchimento de cargos ociosos. Nesse contexto, mesmo a demanda das unidades escolares, DREs e gestões (e o preenchimento das planilhas para avaliação do trabalho), geram uma grande sobrecarga de trabalho, dificultando muito qualquer iniciativa fora desse âmbito – ainda que para ele próprio haja muitos obstáculos, como a exclusão dos bibliotecários de CEUs do sistema de catalogação de suas bibliotecas, e a raríssima ocorrência de compra de mobiliário e acervo.

Figura 1 - Comemoração de 9 anos do Sarau do Seu Camilo/Teatro do CEU São Mateus



Fonte: arquivo pessoal do autor (2025).

Apesar dessas e muitas outras barreiras para a execução de seu papel político e pedagógico, as bibliotecas públicas dos CEUs ainda resistem enquanto lugar de encontro no campo cultural, para tecer, coletivamente, pensamento crítico e abalar as estruturas da hegemonia do capital. Seja com uma reapropriação crítica dos cânones culturais, seja dando centralidade aos universos de sentido de seus territórios como os fundamentos de seus

processos, buscam fortalecer as capacidades de apropriação da informação sequestradas pelas tecnologias digitais e colocar as expressões da linguagem de seus territórios, seus conhecimentos e memórias, na base de suas atividades. Comento, como exemplo, o caso da biblioteca Camilo Pedro dos Reis, do CEU São Mateus. Esse foi um caso especial do trabalho de campo por reunir muitas das práticas de resistência que foram estudadas no campo, em um único lugar. Mas a realidade de cada biblioteca é distinta, condicionada por fatores como a relação com a gestão e território de inserção. Essas práticas também não possuem respaldo institucional da política pública, e sua ocorrência em geral tem um caráter "personalizado" nas equipes.

A biblioteca foi nomeada em homenagem a uma importante liderança comunitária pela regularização e melhoria infraestrutural do território. Sua equipe conseguiu, por apoio de antigos amigos e familiares (os quais seguem vinculados ao CEU e à biblioteca) de Camilo Pedro dos Reis, reunir um acervo da obra poética de seu patrono. Realiza a salvaguarda de sua memória, mas também de outras lideranças importantes na história da comunidade, ainda vivas, trazendo-as para apresentações e diálogos em seu espaço. Atua como um nó que entrelaça diversas redes de iniciativas no campo cultural dessa e de outras periferias, reunindo artistas do rap, do cordel, do teatro, do rock, do grafite, da literatura, das artes plásticas e principalmente poesia, sobretudo, no Sarau do Seu Camilo, o qual ocorre mensalmente e completa 10 anos em 2026.

O vínculo da biblioteca com a cena cultural de seu território, especialmente da poesia periférica, a insere em uma dinâmica muito potente de fortalecimento comunitário. Aproxima as novas gerações junto das referências do campo cultural de seu território, que são essenciais na formação desses sujeitos na busca da possibilidade de se tornarem protagonistas da cultura (da forma de significar o mundo) para, através dela, dar sentido a seus questionamentos, angústias e feridas da opressão. Amizade, gratidão, confiança, respeito, admiração, orgulho e empatia pelo outro, são aspectos afetivos que compõem essas relações e lhe conferem imensa força política.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As bibliotecas públicas dos CEUs, quando entendidas como inseridas dentro desse contexto mais amplo de luta política das periferias da cidade de São Paulo, e se apresentam como importantes frentes de resistência dentro do campo cultural. O que nasceu como um

experimento de empoderamento dessas comunidades historicamente vulnerabilizadas, hoje segue em processo de captura por uma racionalidade de um sistema dedicado, no seu cerne, à exploração, opressão e destruição de sujeitos e corpos, para concentração de seus ganhos em uma população muito exclusiva e seleta.

Dada a assimetria de poder existente entre os diferentes agentes em disputa, que hierarquiza as relações sociais e regula os espaços de fuga e contestação possíveis, pode-se perceber também como a valorização e a promoção das iniciativas locais assumem importância estratégica de disputa para atores empenhados em resistir à atuação de forças globais poderosas, interessadas em tornar hegemônicos fluxos e produtos simbólicos desterritorializados. Nesse sentido, as ações e políticas culturais locais podem ser mobilizadas como ferramentas tanto para reproduzir hegemonias, como para contestá-las.

São tempos difíceis para a construção de estratégias coletivas e democráticas de governo, o que demanda reavaliar conceitos e a proposição de alternativas que reorganizem as forças sociais dispersas sob novas perspectivas. A construção dessas estratégias precisa enfrentar a tendência de apropriação privada de todas as esferas da sociedade, e o aprisionamento do próprio Estado aos objetivos da acumulação do capital, tornando-se mais apropriadamente um Estado empresarial a serviço de determinadas classes que concentram poder e renda em uma escala sem precedentes (Dardot e Laval, 2016).

Esse é um contexto de luta. Diante desses ataques, as bibliotecas, dentro de suas limitações, se colocam como uma barreira ao desmonte e captura dessa conquista dos movimentos políticos das periferias. Buscam, em seus esforços, o estabelecimento de uma pedagogia crítica da ordem opressora do capital, a partir dos saberes, conhecimentos, da cultura e memória das comunidades. Não se rendem ao ensino bancário e tampouco às matrizes hegemônicas que excluem territórios como esses da possibilidade de dar sentido às suas realidades e ao próprio mundo. Em um cenário de urgência de pensar outros mundos possíveis, diante do desastre ecológico resultado de um capitalismo que também coloniza nossas perspectivas de futuro, defender frentes como essas é uma tarefa urgente de nosso tempo.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não ser como fundamento do ser**. São Paulo: Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: https://repositorio.usp.br/item/001465832 Acesso em: 12 jun. 2026

CRUTZEN, Paul. J.; STOERMER, Eugene. F. The "Anthropocene". *In*: GLOBAL CHANGE NEWSLETTER, 41., Estocolmo, 2000. **Anais [...].** Estocolmo: Yale University Press, 2000. Disponível em: file:///C:/Users/Usuario/Downloads/crutzen%20stoermer%20anthropocene%20(2).pdf Acesso em: 12 jun. 2026

DANOWSKI, Déborah.; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins**. Florianópolis: Cultura e Barbárie Editora, 2017.

DARDOT, Pierre.; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo:** ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

DORIA; PEREZ, Maria Aparecida (Og.). **Educação, CEU e cidade**: breve histórico da educação pública brasileira nos 450 anos da cidade de São Paulo. São Paulo: Secretaria da Educação, 2007.

DUQUE-CARDONA, Natalia. **Linguagem, memória e informação:** fundamentação para a biblioteconomia e CI desde Abya-Yala. Florianópolis: Selo Nyota, 2023.

DUQUE-CARDONA, Natalia; SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da (orgs.). **Epistemologias latino-americanas na Biblioteconomia e Ciência da Informação:** bibliotecas desde Abya Yala e as sociedades e culturas na perspectiva sul. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora; Selo Nyota, 2021.

DUQUE-CARDONA, Natalia; SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da. **Epistemologias latino-americanas na Biblioteconomia e Ciência da Informação:** contribuições da Colômbia e do Brasil. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora, 2020. 206 p.

FISHER, Mark. **Realismo capitalista**. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir. **Educação com qualidade social**: projeto, implantação e desafios dos Centros Educacionais Unificados (CEUs). 2004. Disponível em: http://www.paulofreire.org/pub/Institucional/MoacirGadottiArtigosIt0009/Educ_qualidade_socia l_2004.pdf. Acesso em: 26 mar. 2026.

GROSS, Mathias. "Objective culture" and the development of nonknowledge: George Simmel and the reverse side of knowing. **Cultural Knowledge**, Londres, v. 6, n. 4, p. 422-437, 2012. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1749975512445431 Acesso em: 26 mar. 2026.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Apicuri/PUC-RJ, 2016.

HARAWAY, Donna. **Staying with the trouble:** making kin in the Chthulucene. Durham: Duke University Press, 2016.

INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE (IPCC). **Climate change 2023**: synthesis report. Geneva: Intergovernmental Panel on Climate Change, 2023.

LATOUR, Bruno. Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções. *In*: BARATIN, Marc.; JACOB, Christian. J. (Orgs.). **O poder das bibliotecas:** a memória dos livros no Ocidente. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000. p. 21-44.

LATOUR, Bruno. **Diante de Gaia:** oito conferências sobre a natureza do Antropoceno. São Paulo: Editora Ubu, 2020a.

LEMOS, Charlene K. **Bibliotecas dos Centros Educacionais Unificados (CEUs)**: a construção de uma cultura comum. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

MENEZES, Vinicius S. Biblioteconomia, documentação e ciência da informação: redes coloniais de desencantamento. **Encontros Bibli**, Santa Catarina, v. 28, Dossiê Especial, 2023. Disponível em: https://www.scielo.br/j/eb/a/cWpTVtc5FhBwWp9DzyHHxjN/abstract/?lang=pt Acesso em: 26 mar. 2026.

OCAMPO GONZÁLEZ, Aldo; DUQUE-CARDONA, Natalia; SANTILLÁN ANGUIANO, Ernesto Israel (coords.). **Criticidades para una América Latina:** territorios, palabras y sentires desde el Sur. Mexicali, Baja California: Universidad Autónoma de Baja California, 2023.

OXFAM. **Takers not makers:** the unjust poverty and unearned wealth of colonialism. Oxford: Oxfam International, 2025.

PADILHA, Paulo R.; SILVA, Roberto. **Educação com qualidade social**: a experiência dos CEUs em São Paulo. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2004.

PERROTTI, Edmir; PIERUCCINI, Ivete. A mediação cultural como categoria autônoma. **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 1-22, 2014. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19992 Acesso em: 26 mar. 2026.

PERROTTI, Edmir. Sobre informação e protagonismo cultural. *In*: GOMES, Henriette Ferreira; NOVO, Hildenise Ferreira (orgs.). **Informação e protagonismo social**. Salvador: EDUFBA, 2017. p. 11-26.

QUIJANO, Aníbal. **A colonialidade do saber:** eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SENA, Eduardo Augusto**. Políticas Culturais, Cidadania e Território:** desafios da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, 2001-2016. Tese (Doutorado) PPGCI - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-27062023-172841/pt-br.html Acesso em: 26 mar. 2026.

TSING, Anna. L. **The mushroom at the end of the world:** on the possibility of life in capitalist ruins. Princeton: Princeton University Press, 2015.

WALSH, Catherine. Interculturalidade e decolonialidade do poder: um pensamento e posicionamento "outro" a partir da diferença colonial. **Revista Eletrônica da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pelotas**, Rio Grande do Sul, v. 5, n. 1, 2019. Disponível em: https://www.pimentacultural.com/wp-content/uploads/2025/03/eBook_interculturalidade-decolonialidade.pdf Acesso em: 26 mar. 2026.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem à Fapesp (Proc. 2025/02412-1) e ao CNPq (Proc. 310661/2025-0) pelos recursos vinculados à bolsa de doutorado e bolsa PQ que subsidiam suas pesquisas